

O mundo do Lucas: uma experiência prática de atuação do arquiteto-urbanista na cidade autoconstruída¹

The Lucas World: a practical experience of the architect-urbanist in the self-built city

LINHARES, Juliana de Faria

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, julianaalinhares@hotmail.com

MORADO NASCIMENTO, Denise

Professora Associada da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Coordenadora do grupo de pesquisa PRAXIS/EA-UFGM, pesquisadora do CNPq, dmorado@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta o processo compartilhado do projeto e da obra de uma casa a partir da mediação como lugar da prática social entre arquiteto-urbanista e autoconstrutores, buscando-se reafirmar a hipótese de que projetos que promovem a interação do saber técnico ao do saber local e popular resultam em construções mais democráticas e contrapõe à práxis tecnocrática vigente de produção do espaço urbano. Apresenta-se aqui a experiência vivenciada durante o Trabalho Final de Graduação (TFG) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) – o caso do Lucas, adolescente autista residente em um assentamento precário na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: mediação, processos compartilhados, autoconstrução.

ABSTRACT

This article seeks to present, based on a case study, a shared process of project decision experience that promotes the discussion of mediation as a possible instrument for the architect and urbanist performance in the self-built city. From the investigation of practices mediated between the architect-urbanist and the inhabitant, it is sought to reaffirm the hypothesis that projects that promote technical know-how interaction with local and popular knowledge result in more democratic constructions and counterposes the current technocratic praxis of urban space production. This paper presents the experience of the Final Work of Graduation (TFG) in Architecture and Urbanism by the Federal University of São João del-Rei (UFSJ) - this is the case of Lucas, an autistic living in a precarious settlement in the city of São João del-Rei, Minas Gerais, Brazil.

KEY-WORDS: mediation, shared design processes, self-build.

¹ Esse artigo integra o Mestrado em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU/EA-UFGM) da Juliana de Faria Linhares, sob orientação da Profa. Dra. Denise Morado Nascimento.

1 INTRODUÇÃO

O espaço urbano espacialmente segregado acompanha *pari passu* a desigualdade socioeconômica vivenciada pela sociedade brasileira: a população acessa seus direitos à cidade de acordo com seu poder de compra. Os que podem pagar o alto preço do solo urbano estão bem localizados, tem moradia reconhecida, acessam os serviços de transporte, lazer, saúde e educação. Aos que não podem pagar pelas mesmas condições restam as vilas, favelas, periferias e ocupações urbanas, que “surgem, dentre outros fatores, como uma estratégia de acesso à vida nas cidades pelos pobres urbanos” (CYRILLO, 2011, p.16). Viver em áreas precarizadas não é uma escolha; torna-se imposição para os pobres diante da cidade contemporânea.

Se a população pobre não tem garantia à vida urbana, em um primeiro momento, também tem sido refém de ações e de transformações a partir da atuação tecnocrática do poder público, onde a lógica da produção espacial da cidade é reproduzida em lugares autoconstruídos (SANTOS; MORADO NASCIMENTO, 2014). É a respeito deste segundo momento de negação de direitos que este artigo busca discutir.

O morador, como parte integrante do modelo neoliberal de produção do espaço urbano, é consumidor do espaço em que vive, negligenciado tanto nos processos de decisão do planejamento e da gestão da cidade quanto em suas práticas de produção do espaço, entendidas aqui como autoconstrução. A população é apenas a receptora de um planejamento que pensa e analisa o ambiente urbano em uma “visão de sobrevôo”, assim nomeado por Souza (2011, p.161), de modo dissociado do diálogo com os usuários do espaço. Essa postura resulta em uma análise que não agrega os modos de vida desses habitantes (Idem, p.161) e, por melhor qualidade técnica que o espaço planejado tenha, a depender do ponto de vista de quem o analisa, nem sempre corresponde às demandas socioespaciais dos moradores locais.

A vivência prática da população nos processos de decisão sobre o espaço, se acolhida pelos arquitetos, transforma o processo de projetar. “Quando o usuário desse espaço passa a decidir sobre a obra, ele propõe ações baseadas em sua própria realidade e seu saber empírico” (MATOS; LINHARES; SILVA, 2016, P.172). Ao mesmo tempo, o profissional tem conhecimento científico para “atuar na qualidade de consultor ou assessores dos cidadãos, prestando esclarecimentos fidedignos imprescindíveis aos processos de tomada de decisão” (SOUZA, 2011, op.cit., p.329). Propomos, portanto, a *mediação* como lugar da prática social onde, por meio da troca de informações entre

todos os envolvidos, permite-se “tanto a transformação do saber prático de moradores como o do saber científico dos arquitetos, assim como a promoção da autonomia” (MORADO NASCIMENTO, 2010, p.1).

2 O MUNDO DO LUCAS

Essa necessária transformação dos arquitetos e urbanistas para trabalhar com os espaços autoconstruídos da cidade sob a abordagem da mediação configurou-se como ponto de partida no desenvolvimento de um projeto específico. Apresenta-se aqui a experiência vivenciada durante o Trabalho Final de Graduação (TFG) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) – o caso do Lucas.²

Lucas³ é autista, tem 15 anos e mora em um assentamento precário da cidade de São João del-Rei, Minas Gerais, em uma casa alugada e não adaptada às suas necessidades e peculiaridades; sua situação foi apresentada por alunos da Faculdade de Medicina da UFSJ sob a orientação do professor e médico antroposófico Dr. Paulo Maurício de Oliveira Vieira. O grupo trabalhou sobre o caso e propôs ações para além do tratamento médico: seria necessária a transformação da sua moradia para a promoção da melhoria das suas condições de vida, de saúde e de inserção na cidade. Por esse motivo procuraram uma parceria com a Faculdade de Arquitetura da UFSJ, que foi direcionada como TFG da autora desse artigo, Juliana Linhares.

Lucas mora com sua mãe Marta no bairro Águas Gerais, nas margens da cidade de São João del-Rei, Minas Gerais. O bairro não é atendido pelo transporte público e serviços urbanos, o esgoto é despejado diretamente no corpo d’água, inexistente rede pública de distribuição de água e o sistema de abastecimento foi construído pelos próprios moradores. A instalação da família neste bairro foi motivada pela presença da irmã de Marta, a Antônia, pois sendo a mãe do Lucas deficiente intelectual, precisava de alguém para auxiliá-la nos cuidados diários com seu filho e com a moradia. A renda da família é de um salário mínimo referente ao BPC - Benefício de Prestação Continuada - do Lucas e, dentre seus gastos mensais, insere-se o aluguel da casa em que moram (Figura 1), na mesma rua de Antônia.

² TFG de Juliana de Faria Linhares, orientada pela Profa. Fernanda Nascimento Corghi.

³ O uso de nomes e imagens foi autorizado pelos envolvidos.

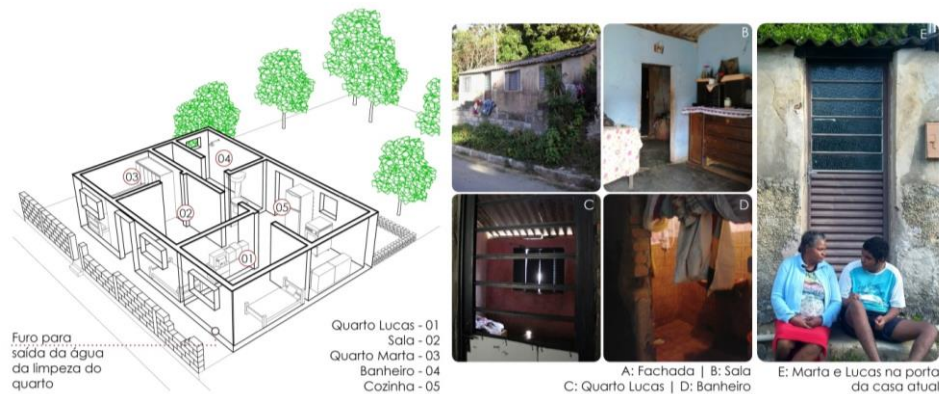


Figura 1: Moradia alugada de Lucas e Marta.

A moradia de Lucas, além de precária, necessita de adaptações em função das especificidades de seus moradores, como indicado pelos médicos. Portanto, para o projeto e a obra de uma nova casa, a tia de Lucas doou metade do seu lote e formou-se uma rede de apoiadores e financiadores a partir de campanha divulgada pela internet, redes televisivas locais, jornais e revistas da cidade chamada “O mundo do Lucas”⁴.

O desenvolvimento do projeto, por pressuposto compartilhado, tinha a comunicação como principal premissa e como principal desafio: Lucas não se comunica através da fala e Marta, por ser deficiente intelectual, tem dificuldades em dialogar. Souza propõe que o interessado em estudar as práticas sociais deve “permitir-se interagir com os atores sociais (e que são, também, agentes modeladores do espaço) em uma escala verdadeiramente humana”, entendendo-se que, para o projeto, o contato e a interação com os habitantes são desejáveis (SOUZA, 2011, op.cit, p.147). Nesse caso do “mundo de Lucas”, a conexão entre o cotidiano dos moradores e os signos e códigos da comunicação não verbal, traduzidos e trabalhados, deu-se por empatia e participação. A presença de uma equipe multidisciplinar (médicos e estudantes de medicina, terapeutas ocupacionais) e o contato diário com a realidade do bairro e com o dia-a-dia de Lucas e sua família foram fundamentais.

Além dos cursos de Medicina e Arquitetura, duas ONGs da cidade se apresentaram como parceiras - Associação Projeto Amigos do Bem (APAB) e a Associação Comunitária Yohanan, além da associação de bairro e o CRAS do bairro Tejuco, bem como a família que se prontificou a ajudar com a mão-de-obra, complexificando os processos comunicativos entre todos os envolvidos no processo.

⁴ Página de divulgação online: <http://facebook.com/omundodolucas>.

Houveram, de início, propostas que se referiam apenas ao financiamento de uma moradia com “soluções arquitetônicas” pré-concebidas - quarto, cozinha e banheiro em 30m² - de forma que a preocupação girava em torno da conclusão da construção, independentemente de seu processo no que diz respeito à participação da comunidade e da família, com reuniões feitas sem a presença de nenhum familiar de Lucas. A partir do momento que a estudante de arquitetura Juliana começou a fazer parte do projeto, a importância da moradia desenhada para o Lucas passou a ser evidenciada como ponto de partida necessário para melhorar suas condições de vida e de saúde, a ser condizente com a realidade da família e do bairro e que envolvesse os moradores por meio de processos compartilhados em rede. Uma nova forma de trabalhar foi proposta, que não fosse “para alguém” mas “junto com esse alguém”, envolvendo as diversas áreas de conhecimento e de atuação. Para interagir com diferentes atores sociais, sem métodos rígidos e regras pré-estabelecidas para o diálogo ou a linguagem do desenho técnico do arquiteto, em nada democrática, experimentou-se diferentes formas de comunicação com diferentes suportes das informações: maquetes e modelos, desenhos no chão no canteiro de obra e montagens ilustrativas.

O processo compartilhado em busca de um acordo mostrou-se ser complexo e o projeto só se concretizou a partir do momento que as reuniões saíram de um núcleo privado e passaram a contar com a família de Lucas, em locais diversos com novas ferramentas de diálogo – além da maquete, roda de conversas no próprio bairro (Figura 2). Assim, direcionou-se uma campanha para arrecadar recursos, já que a mão-de-obra seria efetivada por dois tios do Lucas.



Figura 2: Reuniões da rede.

Por mais urgente que fosse a situação, conceber a casa a partir de soluções pré-determinadas e baseadas em uma práxis de projeto distante do morador representava reproduzir as ações tecnocráticas anteriormente apontadas nesse trabalho como principais causas da não-identificação ou apropriação dos espaços pelos seus usuários. Por outro lado, pretendia-se olhar e ouvir o morador, trocar informações e atuar junto, ainda que por meio de processos complexos. Outras ferramentas e instrumentos precisaram ser criados para adentrar o “mundo de vida” dos que ali moram e, a partir daí, obterem qualidade de vida, para além da edificação-objeto.

O projeto arquitetônico foi desenvolvido conforme as necessidades e peculiaridades do garoto Lucas de acordo com as informações apresentadas pela família e coletadas nos diversos encontros. Além disso, o Dr. Paulo Maurício – professor e médico do Lucas desde o seu nascimento – colaborou na ampliação do entendimento sobre os estímulos necessários nos espaços a serem projetados. O projeto (Figura 3) incorporou colaborações da área da saúde, pelas demandas e pelos estímulos de acordo com as necessidades físicas e mentais de Lucas, da Arquitetura, pelas questões técnicas e espaciais referentes ao objeto arquitetônico, e dos moradores, pelas ações cotidianas e pelas conversas no canteiro de obras com os pedreiros e a família de Lucas, configurando-se, ao final, como saber construído de forma compartilhada.

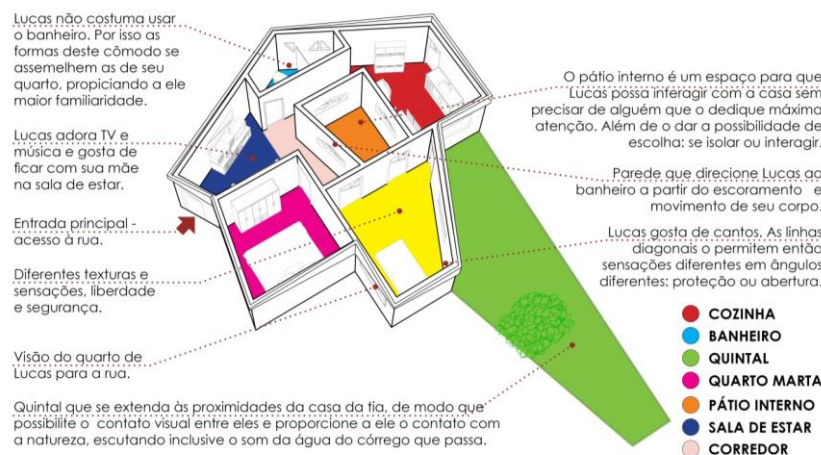


Figura 3: Modelo tridimensional de pré-projeto da moradia.

O papel de arquiteta não se reduziu à elaboração do projeto arquitetônico e dos desenhos técnicos a serem entregues para a execução; nem mesmo se reduziu meramente à mediar a participação dos moradores durante sua fase de discussão. O projeto nunca foi representado pela linguagem técnica própria do campo de conhecimento da arquitetura o que trouxe, inegavelmente, atrasos na execução, mas que, por outro lado, permitiu modificações ao longo do tempo, diálogo e troca de saberes entre os envolvidos. O processo de projeto compartilhado se expandiu também para o canteiro de obras e, continuamente, novas questões surgiam para debate, o que transformou o projeto ao longo do tempo. Inegavelmente, uma outra lógica da prática.

Os envolvidos no processo compartilhado de projeto, sejam moradores, pedreiros ou apoiadores, passam a fazer parte do mesmo; há um entendimento da proposta e da sua execução por meio da transferência do poder de decisão sobre o espaço e pela troca de saberes de todos. Diferentes questões apareciam diariamente e tiveram que ser resolvidas no próprio canteiro de obras, no

tempo da construção, bem diferente da sala de aula da universidade. Incorporar as soluções propostas pelos autoconstrutores significou o reconhecimento do saber comum e a não hierarquização do poder nas decisões sobre a construção.

3 FINALIZANDO

A experiência prática narrada se refere, primeiramente, a uma mudança de papéis: de arquiteto-prestador de serviço para arquiteto-propositivo, de morador-receptor para morador-participante. Estas mudanças, próprias de processos compartilhados, reafirmam a troca de informações, a construção de saberes e a participação dos moradores como pressupostos da arquitetura democrática. O pedreiro Messias, tio de Lucas, relatou: “Nunca trabalhei em uma obra que tinha arquiteto nem engenheiro todo dia. A gente aprende muito quando você vem e ensinamos pra você também. É uma troca”. Esta troca enfatiza a autonomia dos moradores em processos de decisões e ações no espaço.

O desafio da comunicação com os moradores foi também potencializado para ampliar a busca por linguagens democráticas e a tradução de símbolos por formas de comunicação comuns – desenhos coloridos, desenhos no chão, maquetes e modelos. Há de se apresentar também como desafio o modo de agir de diferentes atores sociais que, por exemplo, não trabalham em rede. Descentralizar o poder e trabalhar de outra forma, apesar de não ter sido fácil, geraram posturas transformadoras. Outro desafio encontrado foi o envolvimento dos moradores, principalmente nos mutirões. A família de Lucas afirma que preferem contar com familiares e amigos mais próximos neste processo porque receiam ter problemas como, por exemplo, roubo de materiais de construção. Apesar disso, alguns moradores do bairro fizeram doações de cimento e ofereceram ajuda com a mão-de-obra. Houve também o encaminhamento de um sistema de tratamento de esgoto alternativo, o Tanque de Evapotranspiração, para a moradia de Lucas e de sua tia.

A mediação se fez presente em todos os momentos, desde o envolvimento do projeto até aos ajustes necessários e discussões sobre soluções na obra. O processo iniciou-se em Setembro/2015 e os moradores passaram a habitar a construção em Janeiro de 2017, com o reboco externo ainda por finalizar.



Figura 4: Fases da obra.

O desenvolvimento deste TFG caminhou junto às ações no espaço e à mediação por meio de linguagens, métodos, ferramentas e conversas. É preciso manter o questionamento sobre a atuação dos arquitetos e a suas limitações na reprodução de modos de vida no espaço urbano para que diferentes faces desta pesquisa sejam expostas e analisadas criticamente.

4 AGRADECIMENTOS

Ao CNPq e Fapemig.

5 REFERÊNCIAS

CYRILLO, Gustavo Barreto. *Mercado imobiliário informal e seus mecanismos de operação: Vila Acaba Mundo, Belo Horizonte*. Orientadora Denise Morado Nascimento. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, NPGAU/UFMG, 2011.

MATOS, Flávia Prazeres de; LINHARES, Juliana de Faria; SILVA, Larissa de Souza. Troca de aprendizados: com moradores da Ocupação Eliana Silva. In: MORADO NASCIMENTO, Denise (org.) *Saberes [auto]construídos*. Belo Horizonte: Ed. AIC, 2016.

MORADO NASCIMENTO, Denise *et al.* *Diálogos: possibilidades de processos de projeto compartilhados*. In: 6º Fórum de Pesquisa FAU-Mackenzie, 6o, 2010, São Paulo. Anais... São Paulo: FAU-Mackenzie, 2010.

SANTOS, Cecília Reis A. dos, MORADO NASCIMENTO, Denise. *A autoconstrução coletiva: possibilidades contra-hegemônicas na produção do espaço urbano*. In: Seminário Internacional Cidade e Alteridade e Congresso Mineiro do Direito Urbanístico, III e II. 2014, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2014.

SOUZA, Marcelo Lopes de. A cidade, a palavra e o poder: práticas, imaginários e discursos heterônomos e autônomos na produção do espaço urbano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri, SOUZA, Marcelo Lopes e SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.